



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 177 JANEIRO A MARÇO 2015

Redação e Correspondência:

UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel.: 253 951 257

Diretor:

Alberto Melo
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
ases@portugalmail.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1610 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt



EDITORIAL

Páscoa ... contra a indiferença

A palavra 'Páscoa' quer dizer 'passagem'... primeiro, do Mar Vermelho para a terra de Israel, ou seja, da terra da escravatura para a terra da liberdade, da terra estrangeira para a nossa terra; depois, Páscoa significa, com Cristo, passagem da morte à vida, vitória sobre todas as formas de morte que vitimam as pessoas por esse mundo além.

Já que a primeira Páscoa tem ligação com o Egipto, gostaria de partilhar uma pequena história que recebi há algum tempo pela internet: 'Conta-se que, no século passado, um americano foi à cidade do Cairo no Egipto, como turista. Surgiu-lhe a oportunidade de aí visitar um famoso sábio e não a quis perder. Ficou, no entanto, muito surpreendido ao ver que o sábio morava num quatinho muito simples e cheio de livros. As únicas peças de mobília eram uma cama, uma mesa e um banco.

- Onde estão seus móveis? Perguntou o turista.

E o sábio, bem depressa olhou ao seu redor e perguntou também:

- E onde estão os seus...?

- Os meus?! Surpreendeu-se o turista - Mas estou aqui só de passagem!

- Eu também...; concluiu o sábio... A vida na Terra é somente uma passagem... Apesar disso, alguns vivem como se fossem ficar aqui eternamente, e esquecem-se de ser felizes.

O Papa Francisco pede a todos que a nossa Quaresma combata a globalização da indiferença. Precisamos de nos comprometer mais, ir até ao deserto, converter a vida e praticar a caridade. Sim, a Quaresma está a ser tempo forte de conversão aos valores do Evangelho, de uma oração mais intensa que põe o nosso coração a bater ao ritmo do coração de Deus, de uma solidariedade mais eficiente que traz os pobres das periferias e das margens até ao centro onde tudo existe ao alcance das mãos.

Desejo que a Vigília Pascal seja a grande noite e que a vida de Cristo Ressuscitado encha o coração de todos.

Uma Santa e Feliz Páscoa.

P. Tony Neves

MAGNA – FRAIÃO 31 DE MAIO

CONTAMOS COM A PRESENÇA DE MUITOS ASES

Programa:

9H00 - Acolhimento aos ASES

9H30 - Assembleia-geral

12H00 - Celebração da Eucaristia

13H00 - Almoço Convívio - Confraternização

Como compreenderás, a UNIASES necessita, por questões de logística, da confirmação da tua presença e familiares.

Esta confirmação poderá ser feita, até ao dia 26 de Maio para:

ases@portugalmail.pt / cunhapintobraga@sapo.pt

Francisco Pinto - 91 944 19 70

Alberto Melo - 96 969 05 51 – 214 445 827

Nota: O almoço será pago no dia e custará 25 € por pessoa. (crianças de 3 a 10 anos – 10 €)

Quem não reservar poderá não ter refeição...

A Direção

FÁTIMA

Peregrinação da Família Espiritana 4 e 5 de Julho

Uma manifestação de fé e da grandeza da nossa família.

Momentos altos:

Sábado: 16H30 – Concentração

À noite – Terço e Vigília Missionária

Domingo: 11H00 – Eucaristia

Convidamos todos os ASES a estarem presentes.

OUTUBRO DE 2015

Comemoração das Bodas de Ouro 1965 - 2015

Comemoração das Bodas de Prata 1990 - 2015

Sábado 3 - GODIM
Sábado 17 - V. CASTELO

NOTÍCIAS BREVES

COLABORANDO COM O CEPAC

Remetendo para a pág. 6 do BOLETIM UNIASES n.º 176, uma vez mais se chama a atenção, neste tempo do preenchimento do IRS, de todos os que queiram colaborar no apoio a esta obra da Congregação do Espírito Santo, com a consignação de 0,5% do imposto liquidado em favor do CEPAC. Para isso basta que ao preencher o modelo 3, anexo H, no quadro 9, coloque um 'X' em IPSS e no camp 901 o contribuinte **503 007 676**. Com este preenchimento nada perde e está a colaborar com a 'nossa' instituição, o CEPAC...

ALMOÇOS MENSIS NA CAPITAL

Continuam animados, e bem compostos de comensais, sempre a rondar as duas dezenas e meia, os almoços que o Núcleo de Lisboa vem organizando mensalmente nas instalações da antiga Cooperativa Militar, na Rua de S. José, paralela à Av. da Liberdade, em Lisboa. Devido a eventos já programados para os meses de Março e Abril, ficam os mesmos suspensos nestes meses para serem reatados no próximo dia 19 do mês de Maio.

CURSO DE 1987/88 em GODIM

Repasando informação/aviso do P. Hugo Ventura, chamando a atenção aos que iniciaram o Curso de 1987/88 em Godim para um encontro a realizar na Silva, no próximo dia 18 de Abril, como já fora combinado o ano passado. Atentos pois, vão comunicando entre si para que o encontro se faça em grande. Aguardar mais pormenores marcando desde já na agenda. As redes sociais encarregar-se-ão da publicidade.

ENCONTRO/CONVÍVIO NA APÚLIA (Viana 1971 a 1975)

Por iniciativa de antigos alunos que iniciaram e frequentaram, nos anos 1971 a 1975, o Seminário de Viana do Castelo, e residentes no triângulo Esposende-Barcelos-Póvoa, (acrescente-se também Viana do Castelo) realizou-se um (re)encontro/convívio num dos restaurantes da Apúlia, no mês de Dezembro de 2014. Recém-chegado ou regressado do Canadá, onde reside há 38 anos, foi seu promotor o Jorge Tadeu da Silva, coadjuvado por colegas desses anos. A saudade imperava... socorrendo-se das redes sociais e pelas "dicas" que a Direção da UNIASES lhe transmitiu, para além dos conhecimentos diretos, concretizou sua intenção reunindo 27 antigos companheiros em torno da mesa de um restaurante da Apúlia de que apenas conheço o Forno e o Camelo. (Como seria bom que a notícia fosse descrita por um dos participantes... evitar-se-iam lacunas e indefinições...). Constituiu uma jornada que se saldou por total êxito e a contento de todos conforme testemunho do próprio Tadeu, que nos

conta: "Vamos fazer disto um evento anual, porque todos passamos bons momentos".

E a finalizar: "Fico feliz por verificar que a maioria destes meus colegas souberam tirar bom proveito dos estudos adquiridos no Seminário: hoje são homens formados desempenhando cargos importantes".

Casos como este, que a Direção acarinha e apadrinha, são de louvar pela sua iniciativa. Esperemos que a ideia se alargue e contagie os indecisos. É tão fácil... basta querer. Obrigado ao Tadeu e a todos os intervenientes... Uma pedrada no charco!

CURSO DE 1950/51 em GODIM

Quem é vivo sempre aparece. Apenas para comunicar ao Serafim Gomes de Oliveira que não desespere e ponha de lado o seu ceticismo pois, dando resposta ao seu apelo S.O.S, há contemporâneos a darem acordo de si, casos do António Miquelino e Joaquim Carmona que frequentam os nossos almoços mensais na Coop Militar e que porfiam em trazer o Meira da Cruz que, por enquanto, se encontra impossibilitado por operação feita a um dos joelhos. Neste mesmo Boletim se dá conta de Francisco Pereira Lima e de Eusébio José Lopes.

UASP – Por Mares dantes Navegados

A União das Associações de Antigos Alunos dos Seminários Portugueses, depois do êxito que constituiu a 1ª jornada da Viagem a Cabo Verde, está a preparar a segunda etapa do projeto "Por mares dantes navegados", desta vez para a Guiné Bissau, a meados de Janeiro de 2016.

Será uma nova oportunidade de encontro e partilha, conhecimento mútuo e enriquecimento espiritual, cultural e ambiental, como foi a de Cabo Verde, assim se espera.

Atendendo a que o número de participantes nesta viagem será limitado, e pensando com antecedência na sua organização, a UNIASES apela a todos os seus associados, possíveis interessados, numa primeira inscrição, que o façam até finais do mês de Abril.

Os custos totais serão inferiores aos de Cabo Verde; estão programadas visitas às duas dioceses (Bissau e Bafatá), estando o programa a ser preparado com ajuda local, havendo a hipótese de alojamento em instalações diocesanas. Em breve se procederá a uma recolha de fundos a partilhar localmente.

Chama-se a atenção para o Boletim UNIASES, n.º 176, pág. 10, onde são dadas mais informações e se indicam os contactos respetivos.

NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

CESM - (CENTRO ESPÍRITO SANTO E MISSÃO)

Temos sido assediados, no bom sentido, com as atividades desenvolvidas e a desenvolver por este Centro de espiritualidade sob a orientação dos Missionários do Espírito Santo, apelando a uma participação mais ativa dos ASES, já que outros membros da Família Espiritana nela se têm integrado.

Estando sedeada no Seminário da Silva, em Barcelos, seria bom que os residentes na área (e não só), fizessem uma pausa nas suas apressadas vidas e comungassem da paz de espírito que ali se vive e respira.

No próximo número, voltaremos ao assunto para mais pormenores.

ENCONTRO DOS ASES DO MINHO

Seminário Da Silva - 14 Fev. 2015

Zé Mario (1)

Se por um lado me senti muito honrado, com o facto de ter sido convidado a juntar-me à galeria dos distintos colaboradores do boletim informativo dos ASES, por outro lado acusei a responsabilidade de tão subida honra, espero não desmerecer ou convite... manifestar uma ideia ou opinião e veiculá-la publicamente, num qualquer meio de comunicação, é um feito que se reveste de uma enorme responsabilidade e simultaneamente é um assumido acto de coragem. Quem escreve, expõe-se...

Logo à partida um dilema: reduzir-me ao simples papel de cronista e de uma maneira, fria, isenta e profissional passar para o papel o relato de mais um encontro dos ASES, ou, escrever de uma maneira mais pessoal, deixar que os sentimentos vertessem e pingassem para o papel as palavras e as frases que eram ditadas pela emoção. Optei pela segunda sem preocupações. Com a minha idade, já não temos que ser simpáticos, nem temos que nos preocupar em agradar a gregos e a troicanos.

A concentração estava marcada para o meio-dia, mas quando cheguei à Portaria, faltavam uns quinze minutos para a hora. Aí, encontrei o meu amigo e conterrâneo Zacarias Quintas e juntos fomos convidados por alguém, a subir até uma dependência adstrita à cozinha do seminário, onde uns quantos convivas já tinham aberto as hostilidades...cumprimentos e apresentações da praxe, nem todos eram conhecidos, simultaneamente, lá fomos metendo uma bucha para enganar o estômago que àquela hora começava já a reivindicar trabalho. E aí temporizamos, até que chegassem todos os que protocolarmente tinham marcado presença, rumando daí até à capela onde haveria de ser celebrada a Eucaristia pelo Sr. Padre Martins, digníssimo Administrador daquela Casa.

Começou o desfile das emoções... O Isidro, único instrumentista de serviço, foi também o regente e maestro e os cânticos lá foram fluindo cantados em uníssonos pela plateia, que com maior ou menor dificuldade, lá foram acompanhando conforme sabiam, podiam e se lembravam da letra e música...no meu caso, já não ouvia nem tão pouco entoava esses cânticos há montes de anos, fizeram-me recuar num ápice,

até aos meus anos de menino seminarista e senti saudades...o cheiro da rouparia, aquando da troca de roupa, o cheiro do refeitório, o cheiro das salas de aula, os golos no recreio em despidadas partidas de futebol, o braço que parti numa disputa acalorada de bola com o meu grande amigo David Falcão, o toque da campainha que convidava a entrar na sala e nos obrigava ao silêncio sepulcral de recolhimento e compenetração para as aulas que se seguiam, os cachuchos do Pe. Augusto nas aulas de macarron, que em vez de causar moossa, tornavam as aulas daquele professor numa coisa algo divertida e diferente daquilo que seria expectável, a exigência e alto rigor imposto nas aulas de Português do Pe. Cardoso Cristóvão (ainda hoje sei de cor as Preposições Simples...), a paciência, bondade, tranquilidade que escorria da figura impar, emprestadas por umas longas barbas brancas, do Pe. Jerónimo, a intransigência de uns, o cinismo e hipocrisia de outros, enfim... a espaços, a minha mente voava livre e indomável e projectava no meu ecrã cerebral flashes instantâneos e de episódios que foram desfilando e que compuseram uma experiência de vida, que a esta distância cronológica e depois de sublimadas umas quantas mágoas, considero que foi positivo.

Finda a Eucaristia, posamos para a posteridade e porque nem só da Palavra que vem da boca de Deus vive o homem, mas também de pão e porque a hora já justificava o almoço, rumámos para o refeitório. Ali chegados, a mescla de fragrâncias que pairavam no ar deixavam as nossas papilas gustativas numa actividade desenfreada sem precedentes e de tal ordem, que... tinha que ser... pronto! a dieta começada na semana anterior teria que sofrer uma neutralização. Do menu constava Cozido à Portuguesa, com carne de porco, mas daquela carne que as nossas avós chamavam carne de chico, isso, daquela da salgadeira, com chouriço de várias qualidades e claro o frango, a carne de vaca. Ah, e os vegetais: a cenoura, a batata e as couves, a couve portuguesa...Eu sei, estão a salivar-se com a descrição, mas, acreditem não estou a exagerar, aquilo estava mesmo bom, não gosto de utilizar a palavra divinal, seria blasfemar... mas estava realmente soberbo! Tudo isto regado com um tinto a preceito,



directamente do produtor, acho que ali dos lados da Régua. As sobremesas: fruta da época e pão-de-ló, regado com vinho fino sem corantes nem conservantes, e sem sulfitos...que pomada! Café e digestivo para finalizar, uma gentileza da casa. Quanto ao pecado da gula, pois...esse haveria de ser compreendido e perdoado.

O repasto foi partilhado de uma maneira informal e descontraída, com histórias do nosso tempo de Seminário, as mesas foram naipadas, mais ou menos pelas idades dos convivas, leia-se, ano de entrada na Congregação. Por momentos, viveu-se ali uma espécie de espírito de Natal, uma grande família, éramos 19 elementos irmanados em volta de uma causa comum, em determinado momento da nossa vida todos foram seminaristas, foi mágico o ambiente vivido. Acreditem ou não, tenho participado em vários almoços do género, dos vários grupos que pertencem: os gajos das motas, os da tropa, os do futebol, os da Escola Agrícola e os ASES...na génese são todos muito parecidos, mas, a maneira polida, elegante, fraterna, elevada...a aura que se vive nestes encontros dos ASES faz destes encontros uma coisa diferente, nem melhor nem pior, mas... diferente, por isso é que, sempre que posso, compareço e olhem que não é pela comida...

Para finalizar, a equipa alinhou com: Pe. Martins - Administrador do Seminário, J. Ferraz G54, Rodrigues Ferreira V57, Valentim V59, Silva Coelho V66, Zé Manel V66, Feliz Cunha V67, Francisco Braga V67, Albano Sousa V67,

Costa Pereira F68, António Galvão G70, Zacarias Quintas V71, David Falcão V71, Zé Mário V71, Lemos Ferreira V72, Barreto V73, Isidro Linhares V73, Alberto Senra F76 e António Costa F83.

Cá fora o dia estava cinzento e a chuva caía, lá dentro só pingava...

E pronto, o fim da tarde aproximava-se a passos largos e havia que dar por terminado mais um belo dia de convívio passado em boa companhia.

Obrigado, por este bocadinho, companheiros.

(1) Por expressa vontade do seu autor, este artigo foi escrito não obedecendo propositadamente ao novo AO.

LAMPREIADAS

Américo Cita

A UEFA que decida. Deu empate. Ambas as equipas se esmeraram

(Consideraram-me espião que iria relatar tudo aos Sulistas, mas prometo ser totalmente neutro e, qual Prof. Marcelo, qualificar com justiça ambas as partes).

Primeira mão - Estádio 'Luciano'

Melres – 7/Março

Um sol magnífico (e em 2014 chovia tanto), ervado em óptimo estado.

Lopategui convocou somente 27 jogadores (pagantes - pois quer-me parecer que havia penduras que não entraram na divisão da conta) mas reconheço que dos bons.

Colocou-me a extremo esquerdo. Fraca opção. Encostado a uma extrema com rapazes de G-63 mesmo ao lado do BE (quase escrevia BES) a bola quase não chegava ao meu lado. Presunto fatiado muito fino gostoso, azeitonas verdes (das que eu gosto), moelas tenrinhas (que até os meus dentes 'emprestados' conseguem trincar), arroz da dita-cuja, as irmãs (ou machos???) à bordalesa, a tarte gelada/ananás/leite creme, etc.... Mas tudo se esgotava no caminho. Tenho que agradecer ao amigo **Cunha Pinto** a ajuda preciosa em desviar algumas travessas ou teria que relatar "... Sim, cheirava muito bem...".

Para regar/empurrar tudo isto o verdasco tinto carrascão que faz a delícia das esposas quando chegamos a casa tintados no peitilho da camisa, necessitadas de

testar um novo programa na BALLAY ou um amaciador em promoção lá no LIDL. Resultado muito pesado para recuperar na segunda mão. **Jorge Jesus** (quase escrevia outra vez 'ES') vai ter que se esmerar muito para anular a vantagem da primeira mão.

Segunda mão – Estádio 'João Lobo' Azambuja – 14/Março

286 KMS depois e quase um depósito de gasóleo, encaro com a indicação – Lezíria / Aldeia Avieira. Ufa! fica bem longe. Terreno amplo. Relvado sintético, rústico, espaçoso e soalheiro q.b.

Jorge Jesus convocou equipa numerosa. 50/60 jogadores. Basicamente experientes mas rodeados de juventude, alguns deles ainda de fraldas e chupeta. Equipa bem armada.

Mesas fartas... Azeitonas (verdes, das boas), presunto saboroso, salpicão, queijo que convidava a comer casca e tudo, broa a fazer recordar os tempos da avó... Para abrilhantar a reputada fatura (lá para cima chamamos-lhe tainha - mas não da badalhocca como no Douro) que se trincava com gosto. Divina. Presentearam-me, ainda, com uma enguia, só mesmo para provar.

Cá fora, numa esplanada quase junto ao cais - Tejo, uma meia dúzia de assadores, controlava com esmero os tronchos da lampreia. Escalda, queima, tosta, vira, põe na travessa e quase nem pousa na mesa - vai mesmo à mão, besuntando os dedos... E vai um troncho, dois, meia

dúzia... Assadores não param e pelo que vi ainda vão ter lam-preia para mais uma semana... A acompanhar (ou rematar), o esperado arroz. Diferente dos que nos habituámos cá para cima: muitas ovas, bastantes coentros resulta num sabor muito especial. Mas, reconheço, saboroso... Fui à panela por umas três vezes. Ainda petisquei a costeleta e fêvera grelhada. Fruta, sempre bem-vinda após algo bem pesado.

Tudo regado a preceito: branco ou tinto, verde ou maduro... E garrafa ou jarra sempre à mão.

Nota bem positiva, a rondar o excelente.

PS - Surpresa, pelo menos para mim, aniversário (70 'outonos' que não aparenta - deve fazer anos duas vezes por ano) do nosso presidente, Alberto Melo. Presenteou-nos com bolo (parabéns a quem o confeccionou) e espumante. O coro dos 'parabéns a você' afinadíssimo, ainda que barulhento, mas a pinga já ajudava.

Nota do correspondente local

No final do jogo, nas costas do árbitro, houve um pequeno sururu por causa de uma CR&F. Nada de cartões, apenas uma admoestação com pena suspensa até à reposição dos factos na íntegra.

A eterna questão: Meio cheia ou meio vazia? ... Depende da perspetiva do tomador ou de quem a bebe e da distribuição/partilha feita. Isto promete!...



Oferta do "Cita"



LAMPREIADA EM MELRES

Manuel Santos Lopes

O dia sete de março de 2015 apareceu cheio de sol e sem ventos incomodativos. Apesar de indisposições ocasionais terem afastado alguns dos habituais participantes, neste encontro, destinado a saborear um dos mais badalados petiscos desta altura do ano, vinte e sete marcaram presença.

Embora a crise atrapalhe, há sempre lugar a esquecer o que incomoda e lembrar

momentos que enchem a alma de recordações mais ou menos felizes.

Além dos que habitualmente marcam presença, há a destacar o regresso do Vilaça, do Cardoso Soares e do sempre inimitável Américo Cita.

Presunto, moelas, azeitonas e jarros de vinho maduro e verde tinto de Castelo de Paiva foram o pontapé de partida para a chegada dos tachos de lampreia prepara-

da com arroz ou à bordalesa e bacalhau (para os que não alinham nesses afamados bichos).

O almoço convívio prolongou-se pela tarde adiante, misturando CRF, café, águas e conversas.

Satisfeitos e felizes, cada um partiu para o seu destino, na esperança de que no próximo ano ainda possa ser melhor.

ENCONTRO DA LAMPREIA NO LEZIRÃO

(Uma outra perspetiva...)

Alberto Melo

14 de Março de 2015. O estádio sintético do Lezirão, em plena lezíria ribatejana, com o Tejo a testemunhar os acontecimentos, sob um radiante dia de sol, apresentava moldura humana intensa..

Pelas 12:30, uma primeira baixada ao terreno de jogo para verificação e marcação de lugares para as jogadas já combinadas e acerto de estratégias. Uma leve aragem percorria o gramado.. E foi bonito de ver... Após vários malabarismos e toques na bola há que ocupar definitivamente o lugar para se dar início à contenda. Estrategicamente, alinharia a médio-centro com uma visão geral sobre o sintético, orientando a equipa nas suas investidas atacantes e refreando os ânimos do adversário quando este descer pelo nosso meio-campo.

Troca de galhardetes... (antes, durante e depois do jogo).

Ao apito inicial do árbitro, foi dado o pontapé de saída. E foi vê-los lançarem-se sobre umas entradas de presunto de Lamego e paio de Chaves, com algum queijo de Sousel de permeio, com um remate a queimar as redes adversárias, a dar a sensação de golo...

Sempre na dianteira, não passava ninguém com exceção da fataça frita a que se atirara o adversário e a bola a esbarrar estrondosamente... na barra; culpa do tinto maduro que tinha sido substituído pelo verde branco. Uma substituição forçada.

Ainda não estava reposta a tática e lá apareceram umas enguias em fora-de-jogo, sendo de imediato sancionada a respetiva falta de postura em jogo, o que obrigou à intervenção do quarto árbitro que as ameaçou de expulsão, tal o escabeche/alarido que causaram na acesa contenda. Parece que todo o mundo "molhou a sopa". Aquilo assemelhava-se a um rodízio, todos a quererem meter a mão na enguia.

Refeitos do extenuante dar ao dente, retemperados por tentador pingato, eis que o desafio retoma a sua toada do "dá cá, toma lá", já a caminho dos finalmente...

Os da casa ensaiaram a sua jogada num belo golpe de contra-

taque. Adivinha-se e cheirava a golo iminente e eis que...aí estava o fumegante arroz de lampreia, com ovas da dita, como bem observou o capitão adversário acabaria por dispersar a atenção dos jogadores intervenientes.

Para os distraídos e que estavam a leste da lampreia, um arrozinho de feijão para acompanhamento das enguias devidamente autorizadas para regressar ao desafio, a par de um sável desacompanhado na ala direita.

O arroz em nada, ou quase nada, se assemelhava ao tradicional e vulgar arroz de lampreia e/ou à bordalesa como é timbre ser servido mais a norte. Havia quem lembrasse a lampreia escalada à moda de Monção.

Arroz de lampreia acompanhado com a dita grelhada, não lembrava a ninguém..." O sumo de limão vertido sobre a iguaria contribuiu para um requintado paladar como há muito não se via.

"Estes lisboetas são mesmo doidos..."

Visto isto e os pratos... Dada a ineficácia dos avançados, o nulo seria e foi o resultado mais justo, penalizador para ambas as equipas. Mas a haver um justo vencedor, inclinar-nos-íamos para as hostes sulistas. O desempate ficará para um dia da próxima primavera. Data? Provavelmente um sábado do mês de Março.

Uma coisa é certa: perdemos rotundamente na troca de galhardetes que o Américo Cita a todos obsequiou: gifts e handcrafts que a empresa onde trabalha, a internacional Corticeira Viking, adotou e facultou como patrocínio concedido a esta refega. Em boa hora... todos os convocados, cerca de 50, mais os mirones que estavam por perto, não se coibiram de manifestar o seu agrado pela atitude de bom desportivismo demonstrado pelo adversário.

O fim-de-festa fez-se com doce de pastelaria e de aniversário, bem acomodado, a preceito, por espumante da Raposeira.

Até uma próxima... se houver! A haver...novas regras serão dadas a conhecer a seu tempo....



GODIM 1965

	Data Nasc	Morada actual	
Abílio Cunha Ribeiro	09-03-1954	Soutelo - Vila Pouca de Aguiar	FALECEU em acidente rodoviário
Acácio Monteiro Conceição	31-01-1954	R. Nova da Estivada, 176	4415-276 PEDROSO VNG
Albertino Branco Duarte	01-01-1954	R. Dr. Francisco Rob. Guedes, Lt D9-1.º A	6000-212 CASTELO BRANCO
Amadeu Augusto Alves	11-12-1954	R. Carolino Gonçalves, 117	5385-097 TORRE D. CHAMA
António Alberto Silva Tão	01-10-1953	R. Olival Grande, s/ n.º	2070-308 EREIRA
António Armando Moreira Maia Neto	05-05-1954	Praceta Fonteita, 7	4595-151 FRAZÃO PFR
António Joaquim Martins Carneiro	07-03-1953	Rua 25 de Abril, Lt 10 D	3810-343 AVEIRO
António Joaquim Reboredo Chaves	08-01-1953	R. Mimosas, 45	4730-460 PRADO VVD
António Luís Sousa Barbosa	12-11-1953	Av. Zeferino Oliveira, 47 Penafiel	A)
António Manuel Carreirinha Ramos	20-02-1954	R. Gonçalves Crespo, 9 - 2 D	2650-241 BRANDOIA
António Ribeiro Carvalho	08-06-1953	108 Tanglewood Rd Waterbury	CONNECTICUT 06 M06 USA
Armando José Poças Dias	06-04-1951	R. Santo André, 127	5140-095 CARRAZEDA ANSIÃES
Aventino Santos Gonçalves	29-06-1953	Bairro Fontainhas - Parada	5300-099 BRAGANÇA
Cândido Santos Ferreira	18-06-1953	Rua Sarmento Beires, 33-9º E	1900-411 LISBOA
Carlos Alberto Sousa Vicente	05-03-1954	Lugar Fial, 421	5030-409 LOBRIGOS (S.J.B.)
Carlos Jorge Morais Ferreira	15-11-1954	Av. Bessa, 264-7.º C	4100-012 PORTO
Carlos Manuel Vil. Garcia Balsa	09-07-1955	Rua Dr. Manuel Moutinho, Lt. 1A	5120-416 TABUAÇO
Fernando Manuel Cordeiro	14-02-1955	Loteamento da Rica Fé, Lt 17-2.º E	5300-302 BRAGANÇA
Fernando Renato Baptista Celorico	22-02-1954	R. Atalaia, 150-4.º E	2870-438 MONTIJO
Francisco António Barreto Pinto	20-06-1952	Cumeira	5030-062 CUMEEIRA -SMP
Francisco Joaquim Martins Vilela	20-10-1954	R. António José d'Ávila, 24	5450-019 V. P. AGUIAR
Francisco Marques Pascoal	10-10-1954	R. Escola Secundária, n.º 4-2.º E	3830-135 ÍLHAVO
Francisco Silva Pereira Tuna	19-06-1954	Largo S. Domingos, 44, S. Domingos	4660-036 BARRÔ RSD
Herminio Dias Barata	14-01-1954	Rua Ilha Amores, Lt. 4-12E-1º Esq	1990-122 LISBOA
João Moreira Coelho Oliveira	20-11-1951	Castanheira do Douro	3610-103 TAROUCA
Joaquim Pereira Gameiro	15-01-1954	R. Mala Posta, 51-3ºD Cruz Areia	2410-057 LEIRIA
Jorge José Figueira	29-03-1954	ZN Residencial Campelo, BI F 2 1 2 E	5300-000 BRAGANÇA
José Fernando Ribeiro Marinho	29-09-1954	Av. gen. Sarmento Pimentel, 629	4610-107 FELGUEIRAS
José Manuel Teixeira Rocha	19-04-1955	Rua Andorinhas, 98	4435-448 RIO TINTO
José Reis Felício	10-08-1954	R. Teixeira Lopes, 611 - 3 D	4460-833 MATOSINHOS
José Santos Olas	05-01-1952	R. Alto Igreja Nova, 18, Fontes	3850-365 ALQUERUBIM
José Sebastião Matos Guerra	02-12-1953	Urb. Aleu, 17	5000-054 VILA REAL
José Silva Moreira Carvalho	28-10-1953	R. Lage, s/ nº, Borbela	5000-063 VILA REAL
José Sousa Vieira	24-05-1955	R. Agra do Amial, Bl. G, Entª 83, Casa 42	4200-022 PORTO
José Veríssimo Oliveira Duarte	23-07-1954	R. Branquinho da Fonseca, 25-R/c E	2700-127 AMADORA
Luís César Vaz	13-01-1946	R. Principal	5300-461 CARRAZEDO BGC
Luís Eduardo Mendes Louro	26-05-1955	S. Estevão - Sabugal	FALECEU
Manuel Clemente Lopes	01-07-1954	R. Ary dos Santos, 6-1-I, Reboleira	2720-054 AMADORA
Manuel Jesus Cepeda Moreno	09-03-1953	R. Prof. Egas Moniz, 50-1º D	4430-178 MAFAMUDE VNG
Manuel Jorge Sarmento	15-05-1954	Rua Quinta do Tapado, 15	3420-011 AZERE
Manuel José Ferreira Barbosa	16-02-1954	R. Malmequeres, 295	4585-591 RECAREI
Manuel Ribeiro Soares	04-09-1955	Rua Ernesto Silva, 437	4585-545 SOBREIRA
Marcelino Santos Estevinho	09-02-1955	Rua Carreira de Tiro, 28	5300-724 BRAGANÇA
Mário Joaquim Conceição Pinheiro	05-08-1954	R. Moinho Zangão, 11-BI A-2º E-Qta. Beloura II-Linhó,	2710-702 SINTRA
Oliando Santos Galdes	28-10-1954	Rua Pe. Américo, 7-2º D	1600-548 LISBOA
Pedro Manuel Conceição Gomes Dr	27-12-1954	Rua Bela Vista, Lt. 58	2410-299 POUSOS
Rui Manuel Vilela	12-07-1953	R. Comércio do Porto, 34-1º D	4445-385 ERMESINDE
Sérgio David Rodrigues	05-10-1954	Rua Prof. Alfredo Sousa, 611-3º D	1600-188 LISBOA
Virgílio Augusto Ramos	19-11-1953	R. Com. Eduardo Saccab, 46, Campo Belo	S. PAULO-BRASIL
Vital Augusto Lourenço d'Almeida	03-02-1953	R. Fonte Nogueira, 14,	6320-283 RENDO

A) Morada em 1965: quem ajuda a encontrar a morada actual?

GODIM 1990

	Data Nasc	Morada actual	
Anselmo Jorge Vaz Rodrigues	30-04-1978	Rua Principal, 19 - Refrega	5300-774 QUINTANILHA
António Carlos Sousa Fernandes	13-06-1977	Ucha - BCL	FALECEU EM 2010
Carlos Manuel Félix Alves	22-11-1977	Bairro Pessarna, 12	5340-351 MORAIS MDC
Carlos Manuel Nunes	27-07-1977	R. Vasco da Gama, 631 - 1.º	4435-823 BAGUIM DO MONTE
Celso Manuel Almeida Sabença	28-06-1977	ZN Marco Velho, 28	9700-352 FETEIRA AGH-AÇORES
Filipe Agostinho Oliveira Costa	12-06-1978	R. do Galo, 96 Apart. 4	9700-091 ANGRA HEROISMO
Filipe José Machado Soares	03-06-1976	R. Coronel Albino Rodrigues, 168-1.º D	4715-559 BRAGA
Filipe José Martins Rocha	17-09-1977	Rua das Laranjeiras, 18	4710-851 BRAGA
Filipe Miguel Cruz da Quelha	21-10-1977	Casa 331 - Couto	4830-000 SERZEDELO PVL
Hélder Duarte Sousa Teixeira	08-07-1978	Rua José Afonso, 35-1º B	4700-392 BRAGA
Hugo José Teles Afonso	20-08-1978	Br. Do Sol - Rua de Luanda, 4	5300-222 BRAGANÇA
Hugo Manuel Sousa Lopes	16-05-1978	caixa do Correio n.º 25 - Pisões	5470-526 VIADE DE BAIXO
Jesus Manuel Araújo Gonçalves	08-02-1978	Tv. da Furoca, Nº 122 - Furoca	4905-379 BARROSELAS

José António Santos Pereira	07-08-1977	R. José Ant. Carvalho, 17 -1.º E Rua das Pretas	1685-907 FAMÕES
José Carlos Macedo Xavier	03-05-1978	Estr. Príncipe Alberto Mónaco, 18 - Angustia	9900-038 HORTA
José João Pinto Valença	28-08-1978	Av. Antero Quental, 96-2º B	4710-353 BRAGA
José Manuel Martins Guilheiros	16-03-1977	Estrada da Luz, 66 - Porteira	1600-159 LISBOA
Nélson Faria Costa	27-06-1978	R. Parque Desportivo, 104 -1.º Dto	4755-472 RIO COVO (STA. EUGÉNIA)
Nélson José Gomes Loução	21-09-1978	Av. 25 de Abril, 263	5370-201 MIRANDELA
Nélson José Magalhães Pinto	02-01-1977	R. do Testamento, S/N - Tinhela de Baixo	5450-166 BORNES DE AGUIAR
Nuno Cruz Rebelo	14-01-1978	Av. João XXI, 695 - 4.º AX	4715-035 BRAGA
Paulo Jorge Fernandes Marques	21-12-1977	Rua Principal, 57 -Travassos da Chã	5470-073 CHÃ
Pedro Miguel Branc Gonç. Barroso	30-10-1978	R. Cimo de Vila, 04 - Perafita	5470-525 VIADE DE BAIXO
Raúl Nélson Af. Azevedo Lima Pe.	13-01-1978	Curvos - Esposende	CSSP - CABO VERDE
Ricardo Jorge Oliv. Fonseca Pe.	25-08-1977	S. Salvador do Campo - Barcelos	ANGOLA
Rui Manuel Gonçalves Fino	19-04-1978	Av. Eng.º Losa Faria, 80 - 1.º Trás	4740-268 ESPOSENDE
Sérgio Cruz Fidalgo	22-05-1978	R. da Corujeira, 354 - Residência Fidalgo	5470-241 MONTALEGRE
Simão Manuel Morais Galdes	10-01-1978	R Freixo, 16	5340-351 MORAIS MDC

VIANA 1965

	Data Nasc	Morada actual	
Abel Cardoso Araújo	23.10.1953	Lama BCL	FALECEU EM 14-09-2012
Alcino Manuel Pereira Couto	07.04.1954	Av. São Pedro, 71	4705-568 PRISCOS
Alcino Viana Neiva	13.08.1954	R. Padre Avelino Alves, 165	4740-010 ANTAS EPS
Ângelo Sousa Monteiro	18.08.1953	Tv. de São Salvador, 220	4415-534 GRIJO VNG
Antero de Sousa Braga	15.10.1955	R Machado de Castro, 125, 1º D - Celas	3000-254 COIMBRA
Avelino Conceição Marques Costa	26.01.1955	Urban. Formiguinha, Lt.16-1º D	5400-266 CHAVES
António José Matos Vieira Leite	05.07.1955	TV Telhado, Lt B 7, 18 - Este (S.Pedro),	4715-453 BRAGA
António Manuel Faria Silva	01.02.1953	Vitorino de Piães PTL	FALECEU
António Miranda Fonseca	10.05.1954	R do Cimo Agrelas, 159	4570-059 BALAZAR PVZ
António Nunes de Oliveira	25.08.1951	6 Rue Lenormand France - Cidade ?	FRANÇA
António Silva Cardoso	30.08.1954	R. Nova de Valada, 1366	4535- 393 STA. MARIA LAMAS
Cândido Augusto Sousa Macedo	02.01.1955	Av.Alcides Faria, 369	4750-106 ARCOZELO BCL
Custódio Horácio Pinto Fer. Vilaça	30.08.1953	Tadim	A)
Eduardo Augusto Miranda Duarte	08.08.1954	São Julião de Freixo PTL	FALECEU
Eduardo Manuel Sousa Andrade	01.05.1954	Urb. 30 de Junho Lt 35 - Chinicato	8600-306 LAGOS
Francisco Jorge Fonseca Macedo	05.10.1954	R do Montinho, 3	4750-242 AREIAS BCL
Gaspar Alberto Rib. Gonç. Pereira	05.03.1954	R do Moinho, nº 242 - Burgães	4780-117 SANTO TIRSO
João Batista Martins Faria	09.12.1954	Curvos EPS	FALECEU
João Evangelista Macedo Lourenço	20.09.1954	R de São Vicente, 1227	4750-249 AREIAS BCL
João José Gonç. Antunes Afonso	19.08.1953	R. Inocência Franc.Silva,24-6º E-S.Dom. Benfica	1500-384 LISBOA
Joaquim Correia Silva	18.11.1952	R Relva de Trás, 125	3885-619 ESMORIZ
Joaquim Gomes Almeida	13.08.1954	Urb. Quinta do Areeiro, Lt. 57	4520-615 SÃO JOÃO DE VER
Joaquim Gonçalves Lopes	11.04.1950	Beco da Esperança, 15	4830-815 VILELA PVL
Jorge Domingos Dias Andrade	02.10.1954	Apartado 1502 - Picoas	1056-001 LISBOA
Jorge Alberto Viegas Bárbara	04.07.1951	R do Portão Velho, 8 - Gafanha de Áquem	3830-170 ÍLHAVO
José António Matos Vieira Leite	05.07.1955	R. Prof. Machado Vilela, 244-6.º, Ap.24	4715-045 BRAGA
José Armando Per. Silva Antunes	07.03.1954	R. do Penedo, cx 74 - Penedo	4850-454 VENTOSA VRM
José Augusto Assis Vaz Saleiro	27.12.1954	Av.Júlio Saú Dias, 4032-c/25	4480-675 V. CONDE
José Barbosa Moreira	10.12.1950	Lugar de Cachava - Emigrado -	4950-680 PORTELA MNC
José Castro Fernandes Rocha	05.08.1948	Tv. da Cumieira, 52/56	4820-397 FAFE
José Joaquim Sottomaior Faria	30.09.1954	R. Pepim, 195	4905-200 ALVARÃES VCT
José Manuel Costa Mendes	28.09.1952	R. da Ponte Romana, 70	4835-095 CREIXOMIL GMR
José Mariano Nunes G. Teixeira	23.12.1954	R. Cruzeiro, 4-1º-D	1300-164 LISBOA
José Vieira Gonçalves Corgo	14.02.1955	Nogueira VCT	FALECEU
José Vieira Gonçalves Vitorino	19.12.1953	Castelo de Neiva	FALECEU
Lino Manuel Peixoto Fernandes	09.01.1952	R. de São Torcato, 1000	4800-024 AZURÉM GMR
Lourenço Pereira Ferreira	02.02.1953	Tv. das Bicicletas, 98-1º - Tires	2785-607 S. DOMINGOS RANA
Luciano Costa Carvalho Dias	13.07.1954	Rua Dr. Alb. Feio, 14-3º E	4710-376 BRAGA
Manuel Albino Costa Ribeiro	06.01.1955	Av. da Boavista, 1661-3.º D	4100-132 PORTO
Manuel Barroso Gonçalves Dr.	26.09.1951	Rua Aug. César Machado, 17	4935-066 DARQUE
Manuel Carlos Queirós Oliv. Reis	08.02.1953	R. Prof Carlos Lima, 140-5º Hab.2	4250-093 PORTO
Manuel Fernando Faria Souto	04.01.1955	Rua Comércio da Póvoa, 200	4490-567 P. VARZIM
Manuel Franco Santos	09.02.1954	Av. Eng.º Eduardo Arantes e Oliveira, 400 -1º E	4740-204 ESPOSENDE
Manuel Neto Miranda	24.12.1954	Av. Central, 640	4935-573 CASTELO NEIVA
Mário Fernando Rodrigues Silva	03.02.1954	Lugar do Outeiro, 65	4840-140 VILAR TBR
Nuno Manuel Mota Leite Silva	08.11.1954	R. Bairro do Reguengo, 94,	4900-598 VIANA DO CASTELO
Paulino Martinho Matos Vale	11.11.1954	R. Irmã de São Romão, 127-5º E-Fr	4750-300 BARCELOS
Sebastião Joaquim Mata Alves	14.10.1954	Estr. Mem Martins, 14-2º E	2725-383 MEM MARTINS
Serafim Ferreira Braga	04.05.1954	Estrada Real, 218	4775-447 NINE VNF
Sérgio Catarino Pontes	19.05.1954	R. 8 Setembro, 10- 5º E - Laranjeiro	2810-264 ALMADA
Virgílio Avelino Cunha e Silva	18.02.1954	R. António Azevedo Oliveira, 17	4760-702 RIBEIRÃO VNF
Vítor Manuel Ribeiro Fernandes	11.11.1954	Vale de Urso-Proença a Nova	FALECEU EM 2013

A) Morada em 1965: quem ajuda a encontrar a morada actual?

GODIM 1965 / VIANA 1965 / GODIM 1990

Os sábados 3 (GODIM) e 17 de outubro (VIANA) já estão reservados para a grande festa das BODAS DE OURO e de PRATA:

QUEM SE OFERECE PARA ORGANIZAR?

Favor contactar a Direcção: daremos listas com endereços e telefones...

FRAIÃO 1965

Em 1965 entraram no FRAIÃO os de Godim e Viana 63: a Festa dos 50 anos será no Sábado, dia 14 de novembro.

Esperamos a inscrição de boa equipa para a organização deste evento

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos artigos 19 e 20 dos Estatutos, convoco os sócios da União dos Antigos Alunos do Espírito Santo para a Assembleia-Geral Ordinária a realizar no dia 31 de Maio de 2015, pelas 09H30, no Seminário do Espírito Santo, Fraião – BRAGA, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Leitura e votação da Ata anterior
2. Discussão e votação do Relatório e Contas do ano de 2014
3. Parecer do Conselho Fiscal
4. Apresentação do Plano de Atividades para 2015/2016
5. Assuntos Diversos

Se à hora marcada não estiver presente o número de sócios exigíveis para o ato, a Assembleia realizar-se-á às 10H00 desse dia com os associados presentes.

Braga, 2015 Março 31

O Presidente da Mesa da Assembleia-Geral

Timóteo Jorge Moreira

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves

Alberto Melo

Datas para Correspondência...

Claro que correspondência é quando um homem quer, mas....por causa da entrega das provas na Tipografia no último mês do trimestre a que se refere o Boletim, seria bom atentar no que abaixo se escreve para não se correr o risco de estarmos a receber correspondência do Natal com resposta à mesma na Páscoa do ano seguinte. Este número reflete isso mesmo. Não vamos guardar e publicar para o próximo Natal o que nos foi enviado para o Natal passado.

Os leitores por si julgarão e saberão entender e desculpar o sucedido. Para evitar males maiores preconiza-se o seguinte:

Correspondência manual via CTT deve cair na mesa da redação até ao dia 20 do último mês a que se reportar o BOLETIM, sendo que no mês de Dezembro esse dia não deverá ultrapassar o 15.

Se a correspondência for enviada via INTERNET, o último dia do envio será o dia 25 do último mês do trimestre a que se refere o BOLETIM, exceto no mês de Dezembro em que o dia 20 será a meta.

Alteração de morada:

Comunicaram alteração de morada: António Teixeira Varandas (G72), na Cumieira, Santa Marta de Penaguião, Telemóvel: 968 173 193; e-mail: cteivas@hotmail.com.

Ainda o Envelope.

Bem queríamos que ele fosse banido ou que deixasse de ser complemento ao último número do UNIASES no final de cada ano. Não se trata de um ato de pedinçice pura e simplesmente a implorar as migalhas de fartas(?) broas de outros tempos. Apenas um remoque de consciência... as coisas não se fazem por si só, há custos que precisam ser colmatados. Se todos estivessem cientes das suas obrigações de associados, bastava ver na última página de cada número do Boletim as maneiras possíveis, baratas e cómodas, desse cumpri-

mento através de transferência interna na CGD e/ou transferência interbancária através do MB para os números de conta lá indicados.

Sobre o assunto, ponto final. Ao critério individual deixamos a sugestão de agir como melhor for entendido.

Comparticipações

Para cumprimento de suas obrigações contribuíram através de variadas formas e conforme suas posses: Diamantino Esteves Pinto (G48); Eusébio José Lopes (G50); Francisco Pereira Lima (G50); José Pereira Costinha (G52); João Maria da Silva Freitas (G55); Casimiro Teixeira Varandas (G72); Francisco Sousa Martins (73). A Tesouraria agradece e o seu Tesoureiro zelará pelos valores recebidos na sua aplicação à causa e a bem da UNIASES. Muito obrigado a todos os que dignaram colaborar.

António Albérico Meireles G45

Presença habitual nas páginas desta rubrica, uma vez mais se dirige aos "mandões" deste mundo para publicamente ser ouvido sobre a crise de valores, hoje postos em causa. Contra as desigualdades sociais: mais justiça e reformas mais justas; mais verdade e menos mentira; acabe-se com o estado imoral das nações que agora está posta em causa.

Sozinho não alcançarás os teus objetivos. Com persistência e com fé, talvez consigas lá chegar. Repara no exemplo do Papa Francisco, nem com a sua "força" consegue virar o "status quo" em que está mergulhada a Igreja onde, bem como na sociedade civil, está institucionalizada uma conduta de dúbios costumes. As forças do mal parecem sobrepor-se às do Bem. Resta-nos a consolação: O BEM triunfará.

Do TEU "RECORDAR É VIVER" estamos a cuidar para que seja editado no próximo Boletim, n.º178...

Francisco Pereira Lima G50

Escreve-nos e conta-nos que depois

do falecimento de sua esposa, se encontra num Lar de Idosos, o Lar Vicentino de Stª Quitéria, situado no Monte de Santa Quitéria, freguesia de Margaride, Felgueiras. Para possível contacto: 255 318 810.

Nada de atrasado mas sempre em dia. Obrigado pela participação

Luís Andrade de Barros

G52

Escreveu-nos extensa carta a felicitar a equipa UNIASES pela disponibilidade e competência reveladas de modo a garantir a publicação do jornal que leio com interesse, embora desconheça ou não recorde a maioria das pessoas nele referidas, mas nem sempre concordando com o que é escrito.

Mais do que os elogios que até nos ufanam o espírito, gostaríamos que todos colaborassem com os mais diversos temas/artigos, e há por aí muito capital intelectual escondido, no engrandecimento da nossa publicação.

Acerca do "Envelope" com o qual não simpatizo, pois há outras formas de pagamento bem mais simples. Claro que há, nisso estamos de acordo. Só não usa quem não quer ou se acomode à sua maneira. O motivo desconhecemos se na última página de cada número indicamos os números de conta para onde podem ser feitas as respetivas transferências. Se o não fazem... não obrigamos ninguém.

Talvez com uma boa explicação se consigam melhores resultados. No entanto compreendo o envio do dito envelope. Voltamos ao ponto de partida: tudo como dantes.

Também não concordo que o jornal seja enviado a quem não o quer receber. Discordamos nós, pois, por norma, não o enviamos a quem não o desejar, bastando apenas que no-lo diga sem subterfúgios "... a vossa linguagem seja sim, sim; não, não". Presumindo que tal sucede com aqueles que ao longo dos anos nunca lhe deram qualquer sinal de vida, sendo certo que muitos (alguns) dos ASES somente querem esquecer os anos de seminário.

A propósito, permita-me que felicite o F. Borges pelo interessante artigo "Espírito Santo e Eu" em que apresenta a história da sua vida no seminário, afinal igual à de muitos outros que, ao longo de décadas, frequentaram o seminário,

com a imposição de sacrifícios e privações, mas também não esquecendo eu a formação cultural e humana que recebi. Parabéns ao F. Borges.

Recorda com gratidão e lembra a alegria e juventude do P. Guedes, o incansável professor de História, bem como outros, já falecidos e/ou que abandonaram a Congregação e dos quais guarda boas recordações.

E continua o seu relato de vida: Tendo saído do seminário da Torre da Aguilha, em 1959, não voltei a entrar ou sequer aproximar-me de qualquer casa da Congregação do Espírito Santo, porquanto se pregava e apregoava que quem saía não voltava a entrar, apelidando-se de traidores e oportunistas aqueles que desistiam e bloqueando ou não se incentivando qualquer ligação com o seminário.

Confirmamos tais orientações... felizmente que, ao longo do tempo, ainda antes do 25 de Abril, começaram a desvanecer-se e o Antigo Aluno começou a ser bem recebido e tolerado nas casas antes frequentadas. Claro que se notava um certo retraimento de alguns que foram nossos "superiores/professores", que não nos" viam com bons olhos"

Nunca me ocorreu que esse afastamento de décadas explica a fraca adesão de ASES da minha geração a iniciativas de convivência promovidas pelo UNIASES. Importa superar essas ideias e isso depende primordialmente de cada um de nós, caso contrário continuaremos a contribuir para esse afastamento.

Sobre a pergunta se ainda há seminários do Espírito Santo para a formação de Sacerdotes afirmamos pela positiva mas não nos moldes do século passado. Com efeito, os seminários de Godim, Viana do Castelo, Fraião, Silva, Torre d'Aguilha têm novas valências que não a formação dos seminaristas, propriamente dita.

Atualmente, no Fraião, reside o 1º Ciclo de Teologia (alunos que completaram os seus estudos secundários/superiores no exterior) e que aqui iniciam a sua formação, frequentando as aulas na Católica de Braga; depois segue-se um estágio missionário, findo o qual seguem para o Noviciado, em França, para regressarem, mais tarde, para frequência do 2º Ciclo dos estudos teológicos,

na Católica do Porto, para conclusão da sua formação. Nem todos são de Portugal, mas de várias nações, predominantemente do continente africano.

Não quero terminar sem, embora com significativo atraso, deixar os meus votos de um Bom Ano de 2015 e que as Festas Natalícias tenham sido de Paz e Saúde.

Arnaldo Afonso da Fonte

G61

Hoje, limito-me a agradecer o favor do envio do UNIASES. Já o li, acabei agora mesmo. Sorri, com um brilhoso nos olhos, depois de ler o que as palavras do nosso Colega disseram sobre as "Memórias de Adriano". Yourcenar é também uma das minhas favoritas. Conheço razoavelmente a obra completa dela. É uma das maiores do sec. XX. Gostei do que li. Fico grato ao nosso Colega.

Um abraço para toda a equipa que torna possível esta "pérola", para matar saudades de outros tempos - dos tempos em que fomos bafejados pelo sopro da juventude.

Manuel Gonçalves Vilela

V62

Solicito, sendo possível, o envio do UNIASES pela via antiga, através dos CTT. Parece paradoxal, nesta era das novas tecnologias, estar a pedir o regresso às origens, mas o certo é que, desde que comecei a receber o boletim por e-mail, quase me limito a guardar o ficheiro, que para ali fica esquecido sem leitura posterior.

Suponho que o Tesoureiro já terá feito a devida alteração no ficheiro a ser enviado para a Tipografia e já deverá receber na forma pretendida a partir deste número. Poderás saborear a leitura quando bem te apetecer; é bem mais palpável do que residir esquecido nas entranhas do computador.

Henrique José Martins Matos

F77

Como diz o P. Hugo Ventura, diretor do 1º Ciclo de Teologia em Fraião/Braga, numa visita a uma escola em Pico de Regalados – Vila Verde, pesquei mais um antigo aluno do Seminário do Espírito Santo, trata-se, e está confirmado, natural de Tondela e entrado no Fraião em 1977. Reside atualmente em Palmeira, Braga. Para contacto:

Henriquematos@gmail.com

O ESPÍRITO SANTO E EU

(Continuação do N° 176)

Boanerges F. Borges

ENSINO - 1

O plano curricular de estudos que vigorava na congregação do Espírito Santo, nos anos 40 do século passado, para os alunos que se preparavam para atingir o sacerdócio, era muito semelhante ao que era seguido no ensino público para os que demandavam uma licenciatura em medicina, direito, línguas ou ciências: - sete anos de estudos preparatórios e quatro ou cinco anos de estudos superiores sobre as matérias específicas de licenciatura que, no respeitante aos sacerdotes, eram de filosofia e teologia.

No caso da congregação do Espírito Santo, e suponho que se passava o mesmo nas restantes ordens religiosas, havia a pequena/grande diferença de que o sétimo ano era inteiramente dedicado ao noviciado, o ano da grande decisão relativamente ao ingresso na ordem e a prosseguir, ou não, para os estudos superiores de filosofia e teologia. Isto implicaria que no quinto ano e no sexto se condensavam as matérias dadas nos três últimos anos de preparatórios no ensino público.

Havia ainda outras diferenças entre os preparatórios dos seminários e o das restantes formas de ensino: - nos seminários estudava-se latim durante mais 3 ou 4 anos. O latim devia-se ao facto de a maioria dos ofícios religiosos, especialmente a missa, serem celebrados nesta língua e, portanto, exigia-se formação apurada sobre a matéria. Como é sabido, latim e grego têm importância fundamental na formação do português. Talvez por esta razão, os seminaristas tinham aparente vantagem sobre os párgãos na língua pátria.

Iniciação à música e a aquisição de conhecimentos sobre a Bíblia, eram também matérias que enriqueciam o currículo dos seminaristas, pela razão óbvia de virem a ser necessárias e essenciais ao futuro sacerdote, para exercer cabalmente a sua missão.

O ensino que era dado nos seminários, na generalidade, era considerado melhor do que aquele que era facultado

nos estabelecimentos de ensino público, sobretudo no que respeitava às chamadas humanidades: - português, história, geografia, latim, grego, etc.. Reconhecia-se alguma superioridade do ensino público, sobretudo dos liceus, no que se referia às ciências, por estarem apetrechados com laboratórios e terem professores ligados a profissões que exigiam a utilização de tais saberes.

Tratava-se apenas de um sentimento difuso, embora generalizado, que era partilhado pelas pessoas que, de alguma forma, se interessavam pelos fenómenos do saber e da educação. Verdadeiramente, e que eu saiba, nunca se fez um estudo que validasse este sentimento.

Em contrapartida, os poderes públicos, nomeadamente o Ministério da Educação, pareciam entender exactamente o contrário porque, se um indivíduo saído do seminário quisesse prosseguir os estudos num estabelecimento público, tinha de requerer e submeter-se a fazer todos os exames finais no ensino público, a partir do ciclo preparatório, como então se chamava o actual sexto ano.

Faziam uma pequena excepção, se o tal desertor do seminário não quisesse prosseguir os estudos: - davam-lhe uma equivalência para efeito de exercer cargos públicos, sofrendo como penalização, a perda de um ou dois anos.

De início pensei que seria por essa razão que os responsáveis da congregação decidiram submeter os seus alunos aos exames anuais que se realizavam no liceu de Braga. Recentemente, fui informado de que a razão principal era muito mais prosaica: - para passar a ter um subsídio do estado, por cada aluno que frequentava o estabelecimento, este teria de ser submetido aos exames que eram feitos no liceu local. Começaram a experiência com uns tantos alunos escolhidos, os melhores, naturalmente, do ano imediatamente a seguir ao meu, que se submeteram ao exame do segundo ano do ciclo preparatório. Foi a sorte grande para eles e uma pou-

ca sorte para nós que não beneficiámos des-sa possibilidade. Os resultados foram arrasadores: - os alunos do Espírito Santo sacaram nesse ano as melhores notas do liceu de Braga. E ficou o destino traçado, para os anos que se seguiram: - passaram a ir todos ao liceu fazer os exames.

Parece ter ficado provado que o ensino do seminário, pelo menos o do Espírito Santo, era melhor que o do ensino público. E, no entanto, quando iniciei este tema, sentia-me fortemente inclinado a julgar com severidade alguns dos aspectos que o rodeavam. Os professores eram quase todos padres da congregação, que deviam ter preparação e dotes pedagógicos para exercer a função de ensinar. Mas não tinham formação específica adequada para algumas matérias que leccionavam. Estou a lembrar-me, por exemplo, de um professor de inglês, que nunca tinha ido a Inglaterra ou a outro país onde o inglês fosse língua oficial, nem tão pouco tinha frequentado um instituto de línguas. A sua formação consistiu em seguir um curso que era ministrado pela Emissora Nacional através do rádio.

É claro que o homem tinha uma enorme dedicação, e força de vontade não lhe faltava. Nessa altura, a língua dominante era o francês, e o inglês era uma espécie de parente pobre das línguas, difícil de ensinar e de aprender, e não havia assim tantos professores qualificados.

Provavelmente, os resultados dos exames dos seus alunos não destoaram das restantes disciplinas, mas o inglês que eles falavam deixava muito a desejar, lá isso deixava.

Havia um ou outro professor que ainda não era padre, mas sim estudante de filosofia ou de teologia, que era forçado ou convidado a passar um ou dois anos a leccionar num seminário menor. Era voz corrente que estes casos ocorriam quando os responsáveis reconheciam algum mérito do aluno, mas mantinham dúvidas sobre a vocação ou aptidão do

candidato para o exercício do sacerdócio e, então, colocavam-no numa espécie de estágio, para dar tempo a que responsáveis e o próprio interessado consolidassem as suas ideias e opiniões e tomassem uma decisão ponderada e definitiva. É evidente que, nestes casos, a preparação do professor improvisado era mais limitada do que a de padre a sério e a sua autoridade e prestígio ficavam um bocado abalados, com prováveis e naturais reflexos na eficácia da sua actividade.

Conheci ainda alguns professores leigos, como eram os professores que davam aulas de ginástica e eram oficiais do exército ou da GNR. Suponho que o faziam graciosamente porque era sabido e apregoado que a ordem não era rica e nem sequer havia frades. Os alunos, por sua vez, apresentavam-se nas aulas de ginástica com um ar lamentável e ridículo, que só a escassez de recursos e a mentalidade retrógrada da época podiam justificar: - o equipamento era constituído por camisola interior, calças compridas usadas no dia-a-dia, assim como os sapatos. Pernas de futuros ministros do Senhor, não podiam ser exibidas, ainda que perante colegas.

Tivemos também como professor de físico-químicas um caso raro, um tal Capitão Monteiro, que deveria estar na situação de reformado ou na reserva e era pessoa muito conhecida e respeitada na cidade de Braga. Desconheço se teria as qualificações para exercer a função de professor, mas a verdade é que nem se saía mal de todo. Como único senão, aponto o facto de não termos

feito qualquer experiência, por mais insignificante que fosse, relacionada com aspectos físicos, já que para a química a ausência de laboratório pode ser explicação cabal.

Apesar destes reparos, o conjunto dos professores que tive, foi sempre, e seguramente, muito melhor do que o estudante que eu deveria ter sido. Conforme já mencionei anteriormente, a facilidade de aprender e a atenção que sempre prestei durante as aulas eram suficientes para boas notas e permitir que estivesse praticamente sempre no quadro de honra. Mas reconheço que fiz um enorme desperdício de tempo, durante as inúmeras horas que eram dedicadas ao estudo e que eu passava a ler o Mosquito, o Cavaleiro Andante, as obras todas do Júlio Verne, do Emílio Salgari, com o seu improvável Sandokan, e outros que tais. Gostava imenso de ler ficção e devorava tudo o que podia retirar das bibliotecas, sem que isso fosse aparentemente verificado ou, sequer notado, pelos responsáveis.

É evidente que a Literatura era uma das disciplinas que eu adorava, fosse ela a portuguesa ou a universal. Ambas foram dadas pelo director, o padre Antunes Pinto que, na minha opinião, era um excelente professor. A essas sim, dedicava todo o tempo que podia. Tinha apontamentos feitos em cadernos diários, com letra muito cuidada sobre a vida e as obras dos principais escritores, títulos desenhados com letras garrafais e iluminuras a enfeitar a primeira letra de cada parágrafo. E com isto consumia horas infintas.

A geometria era outra disciplina de que gostava imenso e em que era reconhecido como sendo bom aluno. O professor era o padre Aguiar, irmão do Cristóvão Aguiar e colega de curso do meu primo P. Fonseca. Tive com ele uma disputa curiosa, na sequência de um ponto que era hábito fazer no fim do trimestre. Do referido ponto, fazia parte um teorema que era necessário demonstrar e eu procurei fazê-lo da maneira que se me afigurava ser a mais lógica. Na primeira aula após o regresso de férias, o bom do padre Aguiar entregou os pontos devidamente corrigidos e fez uma apreciação ao que tinha ocorrido, uma autêntica razia: - havia 3 ou 4 com o teorema certo e todo o resto do pessoal tinha-o errado. O Borges era um caso esquisito, porque, apesar de ter o resultado certo, a demonstração não era a desejada e, portanto, estava errada. Aqui levantei-me para defender galhardamente o meu ponto de vista e demonstrar que quem devia estar errado era ele, porque eu também não estava a ver que o teorema poderia ser demonstrado por uma via diferente daquela que tinha seguido. Ao fim de pouco tempo de discussão, estávamos os dois a dar o braço a torcer: - ele a reconhecer que a via por mim escolhida era possível e estava certa, apesar de ser bastante arresvada e complicada e eu a abrir finalmente os olhos, para constatar que havia uma forma mais simples e eficaz de resolver o problema. E o padre Aguiar alterou a minha nota para um valor a condizer!

(... Continua no próximo nº 178)

O PASSAGEIRO DO TEMPO

Conto de Arnaldo da Fonte

Não era tarde. O sol escondera-se há pouco, havia ainda uma luminosidade morna e doce na varanda do décimo andar. A um canto, fitando-me sem pestanejar, o Rex mantinha-se calado e quedo, abanando o rabo uma por outra vez como que a pedir atenção. Olhava-o, dirigia-lhe palavras que só ele entendia, chamava-o, vinha pedir uma carícia e voltava para o seu lugar. Eu vigiava a vida, olhava o oceano calmo, e deitava contas à vida, em silêncio. Tinha na lembrança um episódio da tarde anterior. E pensava, sorrindo, de vez em quando, com a mão a amparar o queixo e os olhos a farolar, no que ouvira e dissera. Estava sozinho em casa, era ainda cedo para jantar, mas não para remoer o que ainda estava fresco. As palavras

foram aparecendo no caderno do costume. O bilhete daquele dia:

“Saboreia a vida, tu conheces o gosto e o desgosto; não te deixes atrasar. O tempo corre assustadoramente, sobretudo para quem o tem já em défice. Há um tempo em que nos assustamos, com medo que a vida nos fuja, mas é só tempo o que nos falta, e não temos medida mais fiável. Dizem-nos que podemos querer e ter tudo. E nós, seduzidos pelas palavras e algumas imagens, vamos, ilusoriamente, até ficarmos entaipados pelos muros da desilusão. O que hoje contabilizamos como vitória, amanhã pode não caber no ninho das aspira-

ções. E passamos a vida a idealizar projectos, e não amamos com o coração, não lemos poesia que nos liberte de pensamentos que nos inibam e coarctem a vontade. A vida não começa nem acaba no final de cada palavra, mesmo que nos seduza o que julgamos ser o poder com que a espalhamos ao vento; nem em cada momento de reflexão, quando chegamos próximo de nós.

Lembras-te do tempo da escola, de quando descia, vertiginosamente, uma calçada, num carrinho de rodas e esfacelava as pernas e rompia as calças remendadas? Desceste, algumas vezes, às minhas cavalitas. A tua mãe, de uma vez, foi-nos esperar, e ficámos com medo; afinal, estava só preocupada com as nossas brincadeiras. Mas ficavas aflita, por causa das calças e por causa de mim. E porque achavas que não havia tempo para brincar, porque tínhamos sempre coisas para fazer. A Esmeralda visitou-me, outro dia, no escritório, e lembrámos o nosso tempo de meninos. Foi bonito. Há muitos anos que não a via. Perguntei-lhe: “quantos anos tens, Esmeralda?” Respondeu-me: “já tenho setenta e seis. Tu estás na mesma, magro como o teu avô Manuel. Ai que saudades. Sabes, vejo muito mal, custa-me abrir os olhos. É a idade. E tu, quantos anos tens?” “Ando ao pé de ti”. Estava com o filho, engenheiro informático que viveu dez anos em Londres, mas trabalha, agora, numa multinacional em Lisboa. Muito amigo da mãe, sempre ao lado dela. Lembrei-me de tanta coisa. Foi como se estivesse a assistir a uma reprise da minha vida. E não espe-

rava. A Flávia telefonou-me, a dizer que estava no escritório a senhora Esmeralda Silva, e eu não associei de imediato. Mas fui depressa. E conversámos, esmiuçando memórias e contas de vários rosários.

Levantei-me às seis, e vejo o dia chegar ao fim, tocado pela conversa com a Esmeralda. Vou jantar, ler os jornais e deitar o olho às notícias. Vem jantar comigo, amanhã. Ficava contente. Dá-me um telefonema, como antigamente, e diz-me onde te vou esperar. Costumávamos conversar sobre livros e sobre a tua horta. Falemos sobre livros; a horta já lá vai.

Sinto falta das nossas conversas de antigamente - talvez seja um dos sinais de que estamos entrados. E não te impacientes com o João – os homens são diferentes das mulheres, em todas as idades. Dorme bem.”

No fundo da folha, já não sei a que propósito, acrescentei duas frases: “o que dói não é perdoar, é saber perdida a confiança.” A outra continua a intrigar-me, de tanto matutar nela: “já provei vários mostos, mas ainda não bebi o vinho.” Não sei, com franqueza, o que me levou a escrever isto, nem o porquê.

Fui para dentro, o Rex foi para a caminha dele, entrei na cozinha e sentei-me. Ainda tocou o telefone, mas, quando lá cheguei, já tinham desligado; talvez alguém com menos paciência que eu.

CANTINHO DA POESIA

NATAL

Não importa o qua a vida levou porque o passado já não existe a não ser a dor e o amor que ficou num profundo sentimento de amar e ser amado sempre agarrado ao passado sem nunca ter desistido de aprender enquanto viver de ir ao encontro de Deus de um Deus feito Menino, sempre em mim a renascer, porque só assim celebro o Natal. À medida que o tempo passa vou celebrando o nascimento de um menino pequenino, pequenino mas formoso, que cresceu, morreu e ressuscitou para dar a vida ao mundo que, neste mundo já tão imundo, apenas se lembra de celebrar, sem esse menino, adorar, se lembra, sem piedade, de festejar o pai natal, o pai comercial ou pascoal quando mais se devia preocupar de aprender a arte de amar e a arte de ser amado!.

Alberico Meireles
Godim 1945

A MINHA ALMA, ESTÁ PARVA!

A minha alma está parva, sim
Com aquilo, que nos aconteceu
Tu és um amor e mesmo assim
Estás só, mas só por agora, digo eu!

Quantos defeitos, um e outro tem
Nem nós o sabemos, por isso, humanos;
Não há problema, sabemo-lo bem
Seríamos o quê? Seríamos uns fulanos

Sem qualquer interesse, sem qualquer
jeito;
O defeito no outro, que até se gosta,
Perder-se-ia e sem nenhum respeito

Pela diferença e lá se ia a aposta,
Tantas e tantas vezes, se ouve a eito:
De ti e teus defeitos, teu “amigo” gosta!

Manuel António Pousa - Godim 57
In “Roteiro Poético e Idílios Meus”
04/14

ERAS TU *

Eras tu... eras tu...
Maria de Jesus
A querida “Ju”
Que de dia cantava
À noite chorava
E à noite rezava.
Eras tu... Eras tu...
Querida “Ju”

Que à noite rezava:
Pai Nosso – Avé Maria.
Eras tu... eras tu...
A nossa querida “Ju”.

(*) No primeiro aniversário do falecimento de minha filha Maria de Jesus

Alberico Meireles - Godim 1945

SIM, POIS É...

Sim, pois é, não é poeta quem quer,
Mas somente, quem Deus assim o quis;
Ser poeta é ter a nossa alma a sofrer
E não obstante isso, ansiar por ser feliz!

O poeta, bem o sabes, trabalha a
palavra
Como trabalha a pedra qualquer artista;
O poeta também semeia e lava,
Para depois poder colher a sua escrita!

Escreve um verso, outro e outro mais
E se a sua musa assim o conceder,
Ainda mais outro, um daqueles “tais”

E ela, para um incentivo lhe conceder,
Diz: ó tu, nascido como todos os
mortais,
Aonde, do teu âmago, tais emoções,
foste colher?

Manuel António Pousa - Godim 57
In “Roteiro Poético e Idílios Meus”04/14

MAZELAS NA ALMA... AS QUE PERDURAM

... Memórias de uma guerra colonial (1961 - 1974)

Manuel António Pousa

Balançámos ligeiramente sobre o Atlântico. O pesadão “Vera Cruz” parece deleitar-se ao sabor das águas. No escuro da noite, nuvens esbranquiçadas e em espaçados farrapos, deixam-nos referenciar claramente as constelações. Conhecidas de cor e salteado.

E lá está! É a Ursa Maior, entre as outras; mas... falta aqui qualquer coisa. Antes, à noite, não se viam apenas as estrelas. Na minha juventude, o prazer desses momentos dividia-se com os sons e outras companhias bem diferentes dos que agora me rodeiam.

Pois é! Há muito que me tinha esquecido daqueles frenéticos grilos, das incómodas cigarras e do coaxar das rãs. Aprendiam-se as constelações no cair da folha castanha e com forte envolvimento campestre, nos ricos passeios familiares naquelas suaves tardes de Outonos aveludados e calmos, ou à noite nas tabernas, hoje cafés, da aldeia olhava-se o céu estrelado à descoberta das constelações. Proibido, como profetizavam os mais idosos na sua sabedoria ancestral, sob pena do aparecimento de verrugas ou cravos, era apontar o dedo na direção das estrelas.

Reparo então na lua, aquela mesma que Neil Armstrong pisou, vista a norte do equador. Bem bonita que ela está. Avanço vertiginoso da ciência! Se há quem pense no futuro do homem, também os há que não acreditem muito nisso e falem do rápido evoluir como forma e ânsia de maior conquista do poder. Esteve, estiveram lá e eu ouvi repetidamente as palavras que ficaram gravadas para sempre na minha memória: “um pequeno passo para o homem; um salto gigante para a humanidade”. Maravilha! Histórico! Ouvia-as na rádio, cinco meses antes deste meu regresso.

Nesse momento fiquei extasiado, uma onda de comoção invadiu o meu corpo que até me parecia mentira. Uns tinham a missão de construir e progredir no conhecimento da ciência, outros, nós, havíamos parado no tempo para fazer a guerra.

Destruir e aprender a matar com consentimento!

Não tenho sorte, nenhuma mesmo!... lembro-me ter saboreado cada uma dessas palavras que vinham do espaço que não descansi enquanto não as pude confrontar com as imagens da televisão. Isso não foi ontem! Para mim, já foi há imenso tempo...

Ontem, era maçarico, peixe voador, periquito, verde e tudo o mais que chamavam aos ‘novatos’. Agora, virei veterano de guerra após dois anos de Angola. Quem o haveria de dizer! Veterano de guerra, por terras do fim-do-mundo, no leste de Angola, juntinho à Zâmbia, que deixei ou ficaram lá para trás. Veterano de guerra, eu? Sim, é mesmo verdade. Continuo

fardado mas regresso com marcas profundas na alma. Na alma? Sim, na alma; bem piores do que as visíveis no corpo e na mente até!...

(...)

Tenho a verdadeira vida já aqui à minha frente e, dolorosamente, aguardo! E só porque outros assim o exigem. Além, está o que quero tocar, sentir, reencontrar, ver e saborear em pormenor. Agora, queria Lisboa a meus pés, mas eu tão longe.

Para aperitivo, porque não pedir? Saia um “pirata”, nos Restauradores; um chocolate quente, na Ribeira. Quero um bife, na Portugalá! Uma Sagres borbulhenta e gelada com alcajoita e marisco. Ostras, uma vieira e umas amêijoas no Ginja! Um gelado no Galeto! Quero pagar em escudos! Um arroz de lampreia, um tostado leitãozinho, um cozido à portuguesa, uma feijoada à transmontana!...

Venha a liberdade e que me deixem manter o meu “grito do Ipiranga”: TIIIIREEEEM .ME DAQUIIIII!

E não é que pareço um miúdo mimado e neurótico? Isso tem razão de ser... penso em comer iguarias da minha juventude e acredito que contribua para esquecer e suprir carências.

Nunca pensei vir para a guerra. Nunca imaginei o que era viver esta realidade, do princípio ao fim. Nunca imaginei que o espírito de grupo pela sobrevivência, pela integridade, pelo humanismo, dadas as circunstâncias, seria tão forte, determinante e marcante, mesmo com as diferenças existentes.

É um mundo à parte e com “leis próprias” onde todos são envolvidos pela máquina trituradora e sem quaisquer subterfúgios. “Ou se colabora, direta ou indiretamente, na matança, ou se morre”.

A vida nesse mundo começa a ficar para trás... mas não esquecemos esse passado que, esporadicamente, aparece sem ser chamado. Ele está latente em cada um de nós... e para sempre! Volto a olhar, uma vez mais, para o exterior deste enorme “batelão”, cheio de gente verde. Verde e só verde, à exceção dos sapatos e da boina. Verde, verde de raiva... quem sabe?

Depois... a realidade nua e crua: os únicos que sairão muito mais tarde, já pela calada da noite, são os que, infelizmente, não resistiram à guerra e vêm nos porões entre quatro tábuas. Escondidos de todos. Caixões que vão ser abraçados e encharcados em lágrimas por quem não teve a sorte de festejar um regresso. E lembro-me do grande Zeca Afonso: “Menina dos olhos tristes / O que tanto a faz chorar” (...) “Vem numa caixa de pinho / Do outro lado do mar/ Desta vez o soldadinho / Nunca mais se faz ao mar”!

NOTÍCIAS TRISTES ...



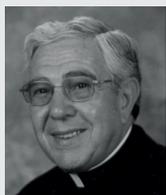
P. Manuel Ferreira da Silva

Natural da freguesia de Romariz, no concelho de Santa Maria da Feira, onde nasceu em 2-03-1930, faleceu a 3-02-2015 na Ilha de Santiago, Cabo Verde, com 84 anos de idade. Do curso de Godim 1941/42, continuou os seus estudos no Fraião, o Noviciado na Silva onde professou a 8-09-1949: completou os estudos filosóficos em Viana do Castelo, ingressando, depois, no Seminário da Torre d'Aguilha para completar o curso de Teologia, sendo orde-

nado de presbítero em 2-05-1954.

Neste mesmo ano foi enviado para as Missões, tendo sido colocado em Malange, onde permaneceu por 21 anos. Por razões de segurança, no ano de 1975, regressou a Portugal, tendo sido colocado no seminário de Godim, como Superior e Diretor; mais tarde, em 1979, era professor no seminário do Fraião.

Em 1990 seguiu para as missões de Cabo Verde até aos últimos dias de sua vida. Aqui faleceu e está sepultado na ilha de Santiago, na sua paróquia de S. Miguel, onde repousa.



P. Francisco Medeiros Janeiro

Natural da freguesia da Ribeirinha na Ribeira Grande, S. Miguel / Açores, onde nasceu a 19-06-1933, tendo falecido na Torre d'Aguilha em 24-02-2015 com a idade de 81 anos.

Do curso de Godim 1948/49, prosseguiu os seus estudos até ser ordenado sacerdote em 15-08-1961.

O seu percurso missionário começou pela diocese de Luanda, tendo sido colocado na Missão Católica da Quibala – Kuanza Sul. Sempre muito ativo, aliou à sua vida de missionário a atividade de professor e jornalista em O Apostolado dos Leigos, de Luanda. Foi também Diretor da Casa dos Rapazes de Luanda. Trabalhou também na Missão Católica do Quibaxe tendo dedicado especial atenção às escolas rurais.

Em 1975, depois de estar preso por soldados cubanos que operavam no território angolano a favor do MPLA, foi obrigado a regressar aos Açores, sendo professor no Seminário de Angra do Heroísmo.

De 1978 a 1983, após breve contributo para a Animação Missionária, em Lisboa, rumaria até ao Canadá, sendo pároco de Hamilton onde, no ano de 2004, orientaria a construção do Centro Paroquial Multiusos, inaugurado no decorrer desse mesmo ano.

No tricentenário da Congregação, em 2003, publicou o livro "Evangelização Hoje – Religião e Religiões" que depressa esgotou.

Em 2010 foi transferido definitivamente para Portugal, sendo colocado no Seminário da Torre d'Aguilha, onde continuou a sua atividade pastoral em apoio dos párocos vizinhos, até aos últimos dias de sua existência terrena.

Foi sepultado no Jazigo dos Missionários do Espírito Santo, no cemitério de S. Domingos de Rana.

(A UNIASES, no decurso das exéquias fúnebres, esteve representada por ASES da zona da Grande Lisboa, incluindo a maioria de antigos colegas de curso, aqui residentes).



P. João Gomes Gonçalves

Natural de S. Paio de Merelim, Braga, onde nasceu a 28-03-1927, faleceu no Lar "Anima Una", no Fraião, em 7-03-2015, com 87 anos de idade.

Do curso da Silva de 1940/41, prosseguiu os seus estudos até ser ordenado de presbítero em Perre (Viana do Castelo) no dia 28-09-

1952, e no ano seguinte fazer a sua Consagração ao Apostolado, na Torre d'Aguilha.

Como professor, seria colocado no Fraião até ao ano de 1956 para, nesse mesmo ano, ser escolhidos para frequentar, em Roma, o curso de Direito Canónico, cuja Licenciatura terminaria em junho de 1958. que lhe granjeou o estatuto de professor

na Torre d'Aguilha, ainda que por breve tempo, pois no ano seguinte prosseguiria a sua missão de professor no Fraião onde permaneceu até 1966.

Após uma curta passagem por Angola no Colégio do Espírito Santo de Nova Lisboa, hoje Huambo, regressou ao Fraião onde se fixou como professor de nomeada na área de Letras, hoje Humanidades, dando o melhor de si no ensino ministrado.

Ficou sepultado no talhão destinado aos Missionários do Espírito Santo, no cemitério do Fraião.

(A UNIASES fez-se representar por Francisco da Cunha Pinto, José Ferraz, António Galvão, Valentim Costa, João Alves da Silva e por José Machado que prestaram a última homenagem ao seu antigo professor e mestre nos tempos do Fraião).



P. João Baptista Pinheiro

Natural de Avelãs de Ambom - Guarda, onde nasceu a 3-02-1928, faleceu no Lar Anima Una, no Fraião, em 24-03-2015, contava 87 anos de idade.

Do curso de Godim 1941/42, prosseguiu os seus estudos até ser ordenado sacerdote em 27-09-1953.

O seu percurso missionário realizou-se totalmente em Portugal ao serviço da formação de futuros missionários. Durante 31 anos, de 1954 a 1985, começaria por ser colocado em Godim, como subdiretor e professor; na continuação, nas funções de diretor e superior, para além das de professor, que lhe foram confiadas, centenas de jovens candidatos passaram por suas mãos a quem devem a forte formação moral, humana e missionária ministrada, independentemente de terem ou não concluído a sua formação.

A atestar pelos imensos testemunhos transmitidos no Facebook, era uma pessoa bem-querida dos seus alunos, nomeada-

mente, dos anos setenta até oitenta e cinco. Passaria o ano de 1985, exercendo as funções de Ecnómico na Torre d'Aguilha para, no ano seguinte, se dedicar de alma e coração ao serviço da Animação Missionária, no Fundão.

Em 1991, regressaria à Torre d'Aguilha, para se dedicar aos serviços pastorais nas capelanias da Comunidade, particularmente a do Murtal e a do Hospital de Sant'Ana, apesar da débil saúde que sempre suportou com um sorriso nos lábios até que foi internado no Hospital de Cascais passando depois para o Fraião e daqui para o Lar Anima Una, onde o Senhor da Messe e da Vida o foi buscar.

Muitos foram os que na hora do último adeus terreno se associaram às exéquias fúnebres a que presidiu D. Manuel Felício, Bispo da diocese da Guarda.

Assinale-se a presença de ASES que foram seus alunos: - José Ferraz, José Machado, Isidro Linhares, Gaspar Costa, José Marques Mendes, Manuel Ribeiro Mendes, Zacarias Quintas, António Félix Matos, Fernando Batista Nogueira, Silva Coelho, Cândido Macedo.

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de “falecido”, tivemos conhecimento do óbito de:

AS 1864 – Serafim Castro Soares Gomes

Nascido em 7-09-1933 e natural de Paços de Brandão – Santa Maria da Feira, faleceu com 81 anos de idade, em Esmoriz onde residia. Do Curso de Godim de 1945./46 (Informação de Serafim Gomes de Oliveira).

AS 2820 – Carlos Vaz de Sousa

Nascido em 12-02-1925 e natural de Cristelo Covo – Valença, faleceu a 3 de março no Lar Conde de Agrolongo – Braga, com 90 anos de idade. Do Curso de Godim de 1936/37. Era irmão de Humberto Vaz de Sousa, do Curso da Silva de 1938/39. (A UNIASES foi representada pela presença do seu Tesoureiro, Francisco da Cunha Pinto).

AS 600 – Cassiano Pereira Souto GG36

Do curso de Guarda-Gare/36, vindo de São Tomé do Castelo-Vila Real. Por informação da sua filha Maria Agostinha, faleceu no dia 4 de fevereiro no Hospital Pedro Hispano – Senhora da Hora.

Rosa dos Santos Neves

Mãe do Revdº P. Tony Neves, Provincial da Cssp, e de Américo Manuel Santos Neves (V71), a extinta era irmã do P. Manuel dos Santos Neves e de Fernando dos Santos Neves, faleceu em 10 de janeiro com 88 anos de idade, na Foz do Sousa, terras de Gondomar. Exerceu a atividade de professora até que, por motivos de força maior, se dedicou, de alma e coração, à educação cristã de seus 4 filhos, recorrendo às lides agrárias para sustento de toda a família.

(Estiveram presentes nas exéquias fúnebres vários antigos alunos residentes na área, cabendo ao Manuel Lopes a representação da UNIASES)

Maria Dolores Gonçalves

Por informação de seu filho, Manuel Gonçalves Vilela (V62), comunicamos o falecimento de Maria Dolores Gonçalves com 88 anos de idade, no dia 15-01-2015, em Cabeceiras de Basto, de onde era natural e residente.

Antero da Costa Monteiro

Faleceu em S. Paio de Oleiros – Feira, onde residia com a idade de 96 anos. Foi emigrado na Venezuela durante largos anos. Era pai do poeta e nosso companheiro Anthero Manuel Dias Monteiro, de Viana 1956.

SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES E QUE DESCANSEM NA PAZ.

TESOURARIA

JANEIRO / MARÇO 2015

N.º	Nome	Conta	Montante	N.º	Nome	Conta	Montante
8	Abel Pereira Correia	QUOTAS	40,00 €	1275	José Manuel Santos Martins	QUOTAS	20,00 €
2152	Agostinho Artur Ricardo	QUOTAS	40,00 €	1297	José Mário Cruz Costa	QUOTAS	10,00 €
73	Albano Martins Sousa	QUOTAS	20,00 €	1331	José Pereira Costinha	QUOTAS	30,00 €
177	Américo Pinho Matos	QUOTAS	25,00 €	1412	Luis Andrade Barros	QUOTAS	30,00 €
207	António Alberto Costa Senra	QUOTAS	30,00 €	2848	Manuel Augusto Pereira	QUOTAS	20,00 €
2724	António Alberto Vieira Monteiro	QUOTAS	25,00 €	1536	Manuel F.M.Vale Lima	QUOTAS	15,00 €
327	António José Sarmento Dias	QUOTAS	30,00 €	2360	Manuel Martins Gonçalves	QUOTAS	5,00 €
334	António Lemos Ferreira	QUOTAS	20,00 €	1663	Manuel Serafim Mendes Santos	QUOTAS	80,00 €
349	António Manuel P.Ferreira Costa	QUOTAS	20,00 €	1665	Manuel Silva Coelho	QUOTAS	20,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	20,00 €	1677	Manuel Valentim Costa	QUOTAS	20,00 €
598	Casimiro Teixeira Varandas	QUOTAS	50,00 €	1018	Maria Casimiro Vieira Proença	QUOTAS	50,00 €
1953	Custódio José M.A. Soares	QUOTAS	50,00 €	1687	Maria Lurdes Monteiro-Sobrinha	QUOTAS	25,00 €
623	David Andrade Ferreira	QUOTAS	10,00 €	1730	Miguel Soares Silva	QUOTAS	25,00 €
626	David José Falcão Torres	QUOTAS	20,00 €	2185	Rafael Fonseca Meireles	QUOTAS	30,00 €
707	Eusébio José Lopes	QUOTAS	100,00 €	1825	Ricardo Jorge Paiva Macedo	QUOTAS	50,00 €
718	Feliz Ferreira Cunha	QUOTAS	20,00 €	2449	Salvador Reis Ramos	QUOTAS	40,00 €
2020	Francisco Braga Silva	QUOTAS	40,00 €	1926	Zacarias Pereira Quintas	QUOTAS	20,00 €
814	Francisco Pereira Lima	QUOTAS	50,00 €		Almoço Lisboa		15,00 €
886	Isidro Manuel Amaral Linhares	QUOTAS	20,00 €				1.230,00 €
1064	Joaquim Silva Carmona	QUOTAS	20,00 €				
2055	Jorge Manuel Relvas Soares	QUOTAS	20,00 €				
2362	José Carvoeiras Ginja Candeias	QUOTAS	10,00 €				
2091	José Joaquim Lopes	QUOTAS	25,00 €				
1955	José Joaquim Nabais Nobre	QUOTAS	20,00 €				
DISTRIBUIÇÃO DE “LEVADOS POR UM SONHO”							
Distribuídos até 31-03-2015						349	6.980,00 €
Ofertas						46	0,00 €
Para distribuição						125	

ESTANTE

À sombra de Ulisses

Por Joaquim Moreira



Dizem os entendidos que, quando se chega à idade maior, dignum et justum est organizar a resistência às mil e uma pequenas inércias que se multiplicam, empurrar para longe a grande inércia que fatalmente se aproxima. Urge lutar, agora mais que nunca, e de harmonia com as cada vez mais reduzidas possibilidades, pela famigerada mens sana in corpore sano, sujeitando corpo e espírito a tirocínios vários, acessíveis, mas sempre dentro de um certo esforço. Felizmente que a sociedade oferece alternativas variadas para a manutenção física e psíquica, abertas também a segundas e terceiras idades. Daí que a mente possa e deva também ser exercitada, leituras, charadas, palavras cruzadas, jogos, a simples contemplação do firmamento e da natureza, é tão bom ver o mar, os passarinhos a voar, os sininhos a tocar, as criancinhas a brincar. Daí que seja útil obrigarmo-nos de vez em quando à luta com um clássico, um livro de que toda a gente fale e se calhar poucos terão lido, um volume grosso, bárbaro ou nem tanto.

Resolvi finalmente atirar-me ao ULISSES de James Joyce. Razões várias, a mais importante das quais não poderia deixar de ser a possibilidade de voltar à eterna temática-problemática da imortal ODISSEIA, livro que dizem ter sido escrito por um tal de Homero, se não foi Homero alguém teria mesmo de ser, tão basilar ele é no remexer das raízes da existência humana sobre a terra, a vida e a morte, o amor e os arredores, as relações humanas, a viagem e a aventura, coisinhas de toda a gente, mesmo de quem não gosta de ler. Por isso Joyce não pôde abandonar o projecto que sempre o perseguiu de escrever sobre o seu herói, acabando por realizá-lo ao fim de anos de luta e largas centenas de páginas. E saiu o ULISSES de que toda a gente tem que falar.

Não é de fácil leitura este Ulisses. Mu-na-se o leitor de toda a paciência que

esteja ao seu alcance e não se deixe submergir pela vontade de parar ou de fazer qualquer outra coisa de mais agradável e quiçá mais útil. Talvez que o livro não agarre o leitor logo de início e possa acontecer a desistência, como a que no meu tempo de professor afectava a maioria esmagadora dos alunos leitores de OS MAIAS, que eram muito poucos os que levavam ao fim a famosa leitura obrigatória, muitos nem sequer a começavam, safando-se com resumos vários que certos pedagogos vendiam generosamente, se calhar sem terem sabido, os alunos, que o próprio Eça parecia dar-lhes cobertura, ao considerar aborrecida uma grande parte do seu enorme romance. No caso de ULISSES fica a impressão de que o Autor tinha-se mesmo obrigado a terminar a empresa, resultando uma obra realmente ou aparentemente heterogénea e sem unidade narrativa, uma espécie de capricho literário, por vezes um quase caos, bem ao gosto, aliás, do sabor modernista que então titilava na geração de Almada, Pessoa e Sá Carneiro. A obra parece uma quase sucessão arbitrária de registos literários, da narrativa de recorte quase clássico, à entrevista, ao ensaio, à peça de teatro, ao desabafo de cariz sonâmbulo, os famosos monólogos interiores de que Eça tanto gostava. Repito que não é nada fácil a leitura, alegre-nos a ideia de que o leitor deve também ser um criador... Dificuldade acrescentada porque me calhou na rifa a tradução brasileira do insigne linguista António Houaiss, sabendo nós quanto é diferente o português daquém e daí em mar. Quantas vezes me assombraram as luminosas palavras de Al Berto, livro que não me prenda nas primeiras páginas vai logo para o caixote do lixo, mais ou menos assim. Mas tive vergonha de desistir e fui andando, sem me preocupar muito com pormenores. Ainda bem que a gente sabe, pelas oportunas palavras da contra capa dessa edição, que se trata basicamente de acompanhar o ilustre e bizarro judeu Bloom por ruas e vielas mais ou menos badalhocas da velha Dublin, ele que saiu de manhã para uma certa rotina de angariador de "seguros"

e publicidade, mas levando consigo os seus fantasmas, a mulher que lhe é infiel e a quem ele paga na mesma moeda, ele e os variados conhecidos ou amigos que vai encontrar, ele e um mundo de discussões das mais boçais às mais culturais, ele e as gentes de uma Irlanda que contava tostões e até fazia pensar em futuras troikas, ele e um mundão de copos e prostituição barata, tudo a caminhar para a zaragata e para a melancolia de noites bem bebidas. E sempre muita análise, muita ironia, muita cultura, "música, literatura, Irlanda, Dublin, Paris, amizade, mulher, prostituição, dieta, (...) o celibato eclesiástico, a nação irlandesa, educação jesuítica, carreiras, o estudo de medicina, o dia passado, a influência maleficiente...", muito passado, muita irreverência numa reverendíssima Irlanda católica apostólica romana, "tudo vem ao chamamento", diria também Al Berto, as coisas parecem surgir de pára-queadas.

... Até que Bloom consegue chegar a casa, a sua Ítaca, altíssima madrugada, para iniciar-se então o longuíssimo monólogo (interior) de Molly sua mulher, sua especialíssima Penélope, uma enxurrada de vinte ou trinta páginas sem qualquer pontuação de um inquieto pensamento feminino toda a memória das suas vidas as coisas boas e sobretudo as más os sonhos os desejos secretos vulgo pecaminosos os desabafos a insatisfação a revolta tudo absolutamente tudo até ao desaguar quase feliz em vasto oceano o inicial momento em que lhe disse sim ponham lá as vírgulas que agora por contágio me apeteceu não colocar.

Nos intervalos desta ambiciosa leitura, tempo para "encontros" bem mais agradáveis com as letras, por exemplo a suave e digestiva novela de Patrícia Reis, a nossa Clarisse Lispector, "o que nos separa dos outros por causa de um copo de whisky" (ed. D. Quixote, 2014), um homem sozinho num bar de Macau, afogado na bebida e nas memórias, frente à mulher que o atende do outro lado do balcão, imaginária interlocutora. Odisseias. Outras odisseias. A vida é odisseia ponto final.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:
UNIASES Apartado 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS
ases@portugalmail.pt

Presidente:
969 690 551 / 214 445 827 |
alberto.r.melo@netcabo.pt
Tesoureiro:
919 441 970 / 253 951 257 |
cunhapintobraga@sapo.pt

NIB 0035 2008 0003 8874 930 35
CONTA N.º 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____